



[RESENHA] RODRIGUES, A. C. O. Filosofia do desaparego: A *Áskesis* de desapropriação epictetiana à luz da *Kátharsis* do Fédon de Platão. Porto Alegre: Editora fi, 2017.

Carlos Enéas Moraes Lins e Silva
Mestrando em Filosofia UFF

Este precioso livro surge a partir da publicação da tese de doutorado de Antonio Carlos de Oliveira Rodrigues realizada em 2015 na PUC/SP. O texto nos é muito importante pois é uma das primeiras tentativas de abordar, num trabalho de grande escala, a obra de Epicteto enquanto tema principal. Epicteto foi um filósofo estoico e ex-escravo que viveu em Roma e em Nicópolis entre meados do séc. I d.C. e a primeira metade do II d.C., cujas *Lições*¹ são uma das mais extensas fontes primárias do estoicismo imperial. Devemos notar que a maior parte da obra deste filósofo não tem tradução versada em nossa língua mãe e, por isso, todos os lusófonos que venham a se interessar pelas *Lições* do estoico devem recorrer, em algum momento, a traduções estrangeiras² ou se dedicar ao texto grego diretamente. No caso de RODRIGUES, ainda que seja o tradutor dos excertos de Epicteto que recheiam o livro, notamos uma constante referência à tradução e comentários franceses – algo que certamente o influenciou. O pioneirismo dessa pesquisa, de alguma forma, deu impulso para um movimento ainda embrionário de estudos relacionados à obra do estoico no Brasil. Até o momento dessa redação, por exemplo, contamos com quatro livros publicados no Brasil sobre

¹ “Lições” foi o termo com o qual o autor do livro preferiu traduzir o grego *Diatribes*, título da obra que contém os ensinamentos de Epicteto. Sobreviveram até os nossos tempos apenas quatro dos originais oito livros que compunham o texto integral, resultado do engenho de Lúcio Flávio Arriano Xenofonte (ca. 92 – 175) antigo discípulo que decide compor uma obra que apresentasse as ideias de Epicteto, bem como um pequeno livrinho chamado *Encheiridion* que visava sintetizar tudo aquilo que fora apresentado nas *Diatribes*.

² Existem várias traduções para línguas modernas estrangeiras de relativo acesso fácil, como inglês, francês, italiano e etc. Mas temos notícia de apenas algumas edições versadas para o português como é o caso de uma edição antiga que contém a tradução de Alberto Denis intitulada *Máximas de Epicteto* de 1960 que traz fragmentos não muito confiáveis dos ditos de Epicteto, além de antiquíssima tradução publicada em Lisboa do *Manual de Epicteto* de 1785, por engenho do Fr. Antonio de Sousa, Bispo de Viseu, e corrigida por Luis Antonio de Azevedo. Atualmente, temos as traduções realizadas pelo Prof. Dr. Aldo Dinucci e alguns parceiros, do *Encheiridion* ou *Manual de Epicteto* (publicadas em diversas tiragens) e das *Diatribes* do Primeiro livro (publicadas esparsamente).

Epicteto³ – ainda que já contemos com um bom punhado de artigos. A pesquisa sobre Epicteto em terras brasileiras têm crescido a passos largos nos últimos anos, especialmente sob a égide dos doutores Antonio Carlos e Aldo Dinucci. De fato, ocorreram quatro Colóquios nacionais dedicados à sua obra (seguindo para um quinto), além de contarmos com as correntes pesquisas de mestrandos e doutorandos que se esgueiram em temas epictetianos, assim como um grupo virtual de pesquisadores e curiosos da obra do estoico chamado *Pórtico de Epicteto*⁴.

Diante disso, podemos ter uma ideia da importância desse pequeno livro para a formação do cenário de pesquisas brasileiras sobre o estoico Epicteto.

Quanto à estrutura do livro, temos que se inicia com o Prefácio do Prof. Dr. Aldo Dinucci, seguido por uma breve introdução do autor. Os capítulos são apresentados e subdivididos em pequenos textos de duas a cinco páginas, geralmente em dois blocos, que tratam de diversos aspectos do tema ou objeto geral contemplado pelo capítulo como um todo – esse modelo permitiu ao autor grande liberdade de compor digressões complementares que expandem o campo de enfoque da obra.

Na introdução, o autor indica brevemente sua tese principal, qual seja, que a *áskesis* aconselhada por Epicteto se fundamenta, em alguma medida, na *kathársis* platônica nos remetendo à separação da alma e do corpo. Em um adendo posterior à introdução dedica duas páginas para explicar a tradução dos termos gregos que indicam a famosa discriminação que o velho estoico opera entre as coisas que existem: algumas delas *eph'hemin* e outras *ouk eph'hemin*. Expressões que RODRIGUES escolhe por traduzir por *sobre nós* e *'não' sobre nós*, respectivamente. Esse esforço é bastante elucidativo, uma vez que essa discriminação norteará toda a ética de Epicteto separando aquilo que é campo de atribuições do agente, aquilo que está sob sua alçada, que lhe pertence; daquilo que não lhe pertence, que é de *outro*⁵. Essa distinção será imprescindível para compreender o modo como se desvela a *liberdade* em Epicteto, pois aquele que se dedica ao que é *'sobre nós'* é livre, porquanto essas coisas não são, por natureza, passíveis de restrições e impedimentos – não sendo de responsabilidade de outro, mas nossa. Exemplos dessas coisas são a nossa escolha

³ Quais sejam: RODRIGUES, A. C. O. Proháresis e prónoia no estoicismo de Epicteto. Porto Alegre: Editora fi, 2018; RODRIGUES, A. C. O. Filosofia do desapego: A *Áskesis* de desapropriação epictetiana à luz da *Kátharsis* do Fédon de Platão. Porto Alegre: Editora fi, 2017; OLIVEIRA, F. L. A Tanatologia em Epicteto. Porto Alegre: Editora fi, 2018; FONTOURA, F. C. A Ética do Bem Viver em Epicteto. Porto Alegre: Editora fi, 2017.

⁴ Cujá a página eletrônica se encontra no seguinte endereço: <<https://seer.ufs.br/index.php/Epict/index>>.

⁵ Em Epicteto, podemos, a grosso modo, entender o que é de *outro* como tudo aquilo que não está sob nossa tutela e responsabilidade, e que, em última instancia, pertence ao destino.

(*proairesis*), o uso compreensivo das nossas fantasias (*phantasías*), nossos juízos (*krisis*) e mais geralmente, “tudo aquilo que é ação nossa” (*Ench.* 1). Por outro lado, a *liberdade* de que gozam os que se dedicam exclusivamente às coisas ‘*sobre nós*’ se antagoniza com a *escravidão* daqueles que se dedicam a cultivar as outras coisas, as *não ‘sobre nós*’, que são impedidas, já que são de responsabilidade alheia⁶.

O primeiro capítulo se dedica a fazer um estudo pormenorizado do capítulo I do *Encheiridion* epictetiano, destacando, dentre outros temas, a divisão entre as coisas ‘*sobre nós*’ e as *não ‘sobre nós*’, e a *proairesis* enquanto ação do *hegemônico* (parte diretriz da alma, para os estoicos) que quando bem ordenado caminha em direção à felicidade e à liberdade. Para RODRIGUES, se desvela no fundo dessa discriminação *ôntica*⁷ algo já exposto por Platão, no *Fédon*, pela noção de *kathársis* – que, como dissemos, se remete à separação entre a alma e o corpo. Desse modo, Epicteto segue Platão enquanto distingue as coisas que existem entre aquelas que pertencem à alma, que são de sua alçada, e aquelas que pertencem ao domínio do corpo, que não são da alçada da alma e não são nossas. Já sabemos que o caminho para a vida livre e serena, sem impedimentos, é dedicar-se àquilo que é da nossa alçada, não confundindo as duas esferas precisamente delimitadas.

Nesse ponto, é conveniente citar a *proairesis*, ou a escolha, entendida como ação própria do *hegemônico*, a parte diretriz da alma, diante das coisas que se lhes apresentam por meio das *fantasias*. Aquele que visa a liberdade e a felicidade se esforça para direcionar a sua *proairesis* para aquilo que é naturalmente da sua alçada, para aquilo que é ‘*sobre nós*’, salvaguardando a sua alma de impedimentos e frustrações; numa palavra, salvaguardando o *hegemônico*. Para manter o *hegemônico* em estado natural, sereno, livre e *ataráxico*, distante das perturbações e males que uma disposição inadequada diante do mundo pode causar, como também manter a *proairesis* direcionada para as coisas ‘*sobre nós*’ é necessário um trabalho filosófico de disciplina sobre si mesmo, as *áskesis*, ou as ascetes, que se desenvolvem em três ramos principais: a disciplina do desejo (*oreksis*), do impulso (*horme*) e do assentimento (*synkatathesis*). Nesse sentido, o cuidado com a *proairesis* desempenha papel preponderante na filosofia do estoico, uma vez que somente a partir da “*disciplinarização*” da alma através da correta ordenação da *proairesis* é que o praticante da filosofia será capaz de alcançar a perseguida liberdade e serenidade.

⁶ Exemplos dessas últimas são o corpo, as posses, os títulos e etc.

⁷ Isto é, entre as coisas que são ‘*sobre nós*’ e aquelas que não são ‘*sobre nós*’.

No Segundo Capítulo o autor apresenta um estudo pormenorizado do capítulo I do livro I das *Lições*. Inicialmente, RODRIGUES começa por tratar das particularidades da capacidade racional da parte diretriz da alma (o *hegemônico*), depois passa a considerar aquilo que distingue os humanos dos animais, a saber, a compreensão do uso das *fantasias*. Esse último aspecto impõe ao humano a necessidade do trabalho sobre si mesmo para seu aperfeiçoamento, uma vez que apenas usar as *fantasias* sem compreendê-las é agir da mesma maneira que os animais. Ora, é próprio dos humanos compreender o uso que fazem das *fantasias* já que esse é o motivo de serem capazes de agir segundo a razão. É essa *compreensividade* que marca a associação dos humanos com a racionalidade e com a divindade inscrita neles. É por serem racionais, por compreenderem o uso das *fantasias*, que os humanos são capazes de pautar as suas ações segundo a racionalidade universal, segundo a natureza. Isto requer, como asseverará a segunda parte do capítulo, uma série de esforços que RODRIGUES, assim como HADOT, chama de ‘exercícios espirituais’, que visam a serenidade, tranquilidade e felicidade a partir do alinhamento das nossas ações e opiniões com a ordenação divina da natureza. Para tanto, será necessário o cuidado com práticas disciplinares nos três campos que já citamos (o *tripharmakon* epictetiano). O que desemboca no desprendimento, no desapego em relação a tudo aquilo que diz respeito às coisas *não ‘sobre nós’*, na aceitação do destino e na ascese dos desejos e interesses, trazendo à tona, novamente, o paradigma platônico da separação entre corpo e alma. Reconhecendo a dificuldade de se dedicar a tais exercícios, Epicteto termina sua *Lição* 1.1 com exemplos de personagens históricos que conseguiram se dedicar ao que é *‘sobre nós’* e se desprender daquilo que não é *‘sobre nós’*, dando a entender que este modo de vida, apesar de difícil, é possível.

O terceiro capítulo não é dividido em duas partes como os anteriores, mas é composto de um grande bloco com breves subdivisões. Nesta parte, o autor foca nas relações de proximidade entre a *áskesis* epictetiana e a *khatársis* platônica, e nas asceses propostas por Epicteto para seguir a vida filosófica com o propósito de manter-se feliz e tranquilo.

O desprendimento diante das coisas que *não* são *‘sobre nós’*, o desapego reclamado por um modo de vida dedicado às coisas *‘sobre nós’* é, como defende RODRIGUES, a *khatarsis* em ação, uma vez que se traduz no exercício diário de separar aquilo que concerne à alma e aquilo que concerne ao mundo das externalidades (como o corpo), afim de estabelecer o comportamento adequado diante das últimas.

A origem da filosofia, o filosofar, o papel do filósofo e a *conversão* (identificada por HADOT, com quem RODRIGUES concorda) se interligam pela conscientização das carências e impedimentos às quais está sujeito o humano comum, no seu estado de escravidão. Nesse sentido, a filosofia se origina da conscientização dos males desse estado e surge como um remédio para tal; o filosofar está relacionado com o estar preparado para as eventualidades da vida, com fins a dirimir as aflições de uma má disposição diante do fado; e o papel do filósofo, nesse sentido, é o de bem conduzir as almas, o da capacitação e habilitação para suportar adequadamente o que venha a lhes acontecer, por meio da prática dos princípios (*theoremata*) que os auxiliem no caminho em direção à felicidade. Já a *conversão* é entendida como uma ruptura com o modo de vida ordinário para uma mudança radical na maneira de viver. Algo que, no caso da vida filosófica, tal como preceituada por Epicteto, leva a uma renúncia, um desprendimento e um desapego gradual⁸ em relação às coisas externas, num movimento em direção ao constante comprometimento com o trabalho sobre si – requerendo a modificação de hábitos e opiniões.

RODRIGUES dá grande enfoque à disciplina do desejo que, em última análise, implica no “querer que as coisas aconteçam como acontecem”, desembocando num olhar desinteressado para as coisas *não ‘sobre nós’*, um desprendimento com os laços atados às coisas do corpo.

Há de se notar também a aproximação entre as ascetes epictetianas e o exercício de morte tal como o autor o compreende na morte simbólica de Sócrates diante das coisas do corpo. RODRIGUES defende que a morte socrática está presente, de alguma forma, no desapego tencionado por Epicteto diante das coisas *não ‘sobre nós’*. O que demonstra a imensa liberdade que gozava Sócrates – exemplo de máxima liberdade para Epicteto.

Por fim, podemos dizer, a partir da leitura de RODRIGUES, que Epicteto, visando a liberdade e a vida feliz, produziu uma filosofia que estabeleceu uma série de exercícios espirituais que visavam o desapego e o desprendimento com tudo aquilo de onde se originam os impedimentos e aflições, estabelecido pela discriminação *ôntica* descrita naquilo é ou não *‘sobre nós’*. Este movimento, assevera RODRIGUES, se aproxima da separação entre alma e corpo reclamada pela *kathársis* platônica.

⁸ “Das menores para as maiores coisas”: os estágios do desapego epictetiano podem ser divididos, resumidamente, da seguinte forma: inicialmente o corpo; depois as posses e por fim as relações humanas. Considerando todas elas como são, isto é, como passageiras e distantes do nosso campo de atuação.

Pelo exposto esta é uma obra a qualquer um que se interesse por filosofia helenística e estoicismo, uma vez que além de ser riquíssima, é uma das primeiras tentativas brasileiras de adentrar a obra do estoico Epicteto. Com demorado zelo, o texto oferece uma leitura clara e fluída, acessível tanto ao grande público como aos especialistas; destacando em Epicteto aquilo pelo que mais prezava: a transformação para uma vida bem vivida.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

EPICTETO. *O Encheirídion de Epicteto. Edição Bilingue*. Trad. Aldo Dinucci; Alfredo Julien. São Cristóvão: EdiUFS, 2012.

RODRIGUES, A. C. O. Filosofia do desapego: A *Áskesis* de desapropriação epictetiana à luz da *Kátharsis* do Fédon de Platão. Porto Alegre: Editora fi, 2017.